

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Arménio Lopes da Costa

registada em 2009-02-10
por

Jenny Campos e Susana Pires

Arménio Lopes da Costa

Arménio Lopes Costa nasceu no dia 18 de Abril de 1958, na Mourísia. O pai, Eduardo da Costa, sempre trabalhou na agricultura, mesmo em Lisboa. A mãe, Aurora das Dores Lopes, era doméstica e tratava da lida de casa. Tiveram cinco filhos, quatro rapazes e uma rapariga. Com 18 anos de diferença do irmão mais velho, dizem que foi uma alegria para eles quando Arménio nasceu. As brincadeiras eram poucas, não tinham vagar, tinham de trabalhar, ir para os lameiros, para as pastagens, com as ovelhas e cabras. Arménio andou na escola quatro anos. Foi para o Sobral Gordo, até à terceira classe, e depois fez a quarta classe na Moura. Saiu da escola aos 11 anos e andou a guardar gado até aos 16. Foi para os serviços florestais, em Junho de 1973. Desde então teve como profissão motosserrista, fazia fogo e trabalhava na floresta, em desbastes de pinhal, a cortar mato, a arranjar estradas e a tapar os buracos. Conta já com 20 anos de trabalho na Junta de Freguesia da Moura da Serra. “Dois mandatos de secretário, e três como presidente da Junta.”

Índice

Identificação Arménio Lopes Costa.....	4
Ascendência Eduardo da Costa e Aurora das Dores Lopes.....	4
Casa "Baixinha, velha e de xisto".....	6
Infância Elas fugiam e eu chorava.....	6
Educação "Régua a trabalhar".....	8
Religião "Íamos todos iguais".....	9
Namoro Só na presença dos pais.....	10
Casamento "Tomar nova vida".....	10
Descendência "Tenho um casal".....	11
Percurso profissional Uma vida na floresta.....	12
Lugar Mourísia.....	13
Costumes Costumes da aldeia.....	18
Sonhos Uma 4x4 e a lotaria.....	19
Avaliação Recordação que fica.....	19

Identificação *Arménio Lopes Costa*



Arménio Lopes Costa (com 23 anos)

O meu nome completo é Arménio Lopes Costa. Nasci no dia 18 de Abril de 1958, na localidade da Mourísia.

Ascendência *Eduardo da Costa e Aurora das Dores Lopes*

O meu pai era Eduardo da Costa. Era da Mourísia. Trabalhava na agricultura, quase que faleceu na agricultura. Só ao fim de um mês de estar entrevado, acabou por falecer. Portanto, trabalhou sempre na agricultura, nos tempos da abertura dos estradões, na floresta. Acho que ainda esteve uma temporada em Lisboa mas também a trabalhar na agricultura.



Eduardo da Costa, pai de Arménio

A minha mãe era Aurora das Dores Lopes. A avó dela era da Mourísia mas ela era de Porto Castanheiro, freguesia da Teixeira, concelho de Arganil. Era doméstica e tratava da lida de casa. Mas depois como tinha a dor ciática não podia andar de uma perna.

O meu avô, de parte de pai, como pertencia à Mourísia, e tinha fazendas, era nessas terras que os meus pais trabalhavam. Na altura era mais milho, batatas, feijão. Mas a porção maior era milho que não havia padeiro na altura.

Somos cinco irmãos. Éramos cinco. Portanto, quatro rapazes e uma rapariga, a minha irmã já é falecida. Dávamo-nos todos bem. Desde que comecei a lidar com os meus irmãos sempre nos déramos bem. Eu tinha uma grande diferença do meu irmão mais velho: 18 anos. Portanto, os meus irmãos dizem que foi uma alegria para eles quando eu nasci.



Aurora das Dores Lopes, mãe de Arménio

Casa "Baixinha, velha e de xisto"

Quando era criança vivia numa casa baixita, velha, de xisto, coberta com xisto. Quando vinha neve e chuva caía lá dentro. Portanto, não tinha condições nenhuma para viver.

Era na Mourísia, mesmo onde foi construída a minha actual casa. Só tinha as lojas e o primeiro andar. Nas lojas guardam-se as arcas do milho e o vinho e essas coisas todas.

Como a casa era pequena houve irmãos meus que iam dormir a casa do meu avô. Não dormíamos todos em casa porque não tinham condições para isso. Não havia casa de banho. Para tomar banho era em alguidares ou numa bacia no chão.

Infância Elas fugiam e eu chorava

Lembro-me quando foi feita a casa onde agora moro, tinha eu cinco anos, já ia buscar a água para os pedreiros com um garrafãozito, depois quando eu vinha, como demorava muito lá na fonte a brincar, os meus irmãos começavam logo a chamar por mim, a gritar. Um irmão meu, o Mário, agarrava, despejava-me o garrafãozito da água, eu tinha que ir outra vez a caminho da fonte buscar mais. E os pedreiros na altura disseram-me para eu furar o garrafão. Eu agarrei, levei um prego e furei-o.

Na altura brincar era com umas pinhas ou umas pedras. Com as pinhas a fazer uns burritos, lá íamos a brincar. Mas mais de resto não tínhamos vagar. Era para trabalhar.



Arménio Lopes Costa (com 18 anos)

Tínhamos gado: ovelhas, cabras. Íamos pastá-las nos lameiros, nas pastagens. Cada um ia com o seu gado. Elas, às vezes, fugiam e depois a gente começava a chorar de elas fugirem. Quando começavam a correr, a gente não as apanhava. Depois elas voltavam.



Arménio a lavrar na fazenda, com um cão e um cordeiro no colo

Educação "*Régua a trabalhar*"

Andei na escola. Comecei a primeira classe na aldeia do Sobral Gordo. Até ao terceiro ano, terceira classe. Íamos fazer os exames a Pomares, porque a Mourísia pertencia, quando eu nasci, à freguesia de Pomares. Depois a quarta classe já foi feita na Moura e o exame foi em Arganil. Portanto, só andei quatro anos na escola.

Ia a pé ao vento e chuva, com uma capucha na cabeça e lá íamos todos contentes. Tinha umas botas. Quando chovia ficávamos todos molhados. Às vezes, pessoas amigas deixavam-nos enxugar nas suas casas que as escolas nem sequer tinham aquecimento. Não tinham condições.

Tínhamos que levar o almoço. Às vezes, legumes com pão ou uma marmitazita dentro com umas batatas, e, às vezes, tínhamos que comer frio. E assim se passava.



Arménio Lopes Costa (com 18 anos)

Demorava meia hora a chegar à escola, éramos muitos. Chegámos a andar acho que, no Sobral Gordo, alguns 12. Havia muita criança naquela altura. Os professores eram muito exigentes. Por exemplo, eu no Sobral Gordo andei com uma professora que era da minha família, era prima direita do meu pai, ela apertava muito com a gente. Aprendia-se mais até à quarta classe que agora até ao sétimo.

Quando a gente não fazia os trabalhos ou dava erros, era logo a régua a trabalhar. Até à terceira levei. Depois na quarta já não era tão complicado.

Religião "*Íamos todos iguais*"

Andei na doutrina. Foi na Moura da Serra. Eram várias catequistas na altura. Aprendi as coisas que até agora, às vezes, esquecem-se. O padre também lá ia fazer perguntas. Ainda levava uma vara na mão para nos arrear.

Fiz a Primeira Comunhão e a Comunhão Solene. Foi um dia bonito de festa. E quando havia festa a gente ia lá com as faixas, íamos todos iguais.



Arménio Lopes Costa (com 18 anos)

Namoro Só na presença dos pais

Conheci a minha esposa quando trabalhava nos serviços florestais. Comecei a arranjar a estrada, a fazer conservação da estrada até à Fórnea e foi aí que a conheci. Depois comecei a lá ir aos domingos e daí a amizade.

Namorar era sempre na presença dos pais. Ainda me aconteceu. Só no fim de muito tempo é que a pedi em casamento.

Casamento "Tomar nova vida"

Deixei andar até aos 30 anos, já não pensava em casar-me. Nunca pensei casar muito cedo e depois também já ia a passar a idade. Só quando vi que os meus pais não podiam, o meu pai começou a faltar e depois acabou por ainda falecer. E então pensei mesmo em tomar nova vida.



Arménio com os irmãos, no dia do casamento

O meu casamento foi no Mont'Alto em Arganil. Fui de fato nesse dia. A noiva ia bem vestida, bem bonita, de vestido branco. Depois da missa houve almoço. Num restaurante "O Parque". Acho os pratos eram arroz de marisco e chanfana, que também é sempre. É chanfana o prato preferido na região. E havia tigelada e arroz-doce. Antigamente só se comia de ano a ano, nas festas. Agora é mais fácil.

Descendência "*Tenho um casal*"

Acho que foi no fim de quatro anos de casados que tivemos o primeiro filho. Agora tenho um casal. Um menino e uma menina. Nasceram na maternidade em Coimbra, mas foram criados na Mourísia. Portanto o mais velho fez até à quarta classe na Moura. Ainda havia escola na sede de freguesia. A mais nova já foi na Cerdeira, que a escola na Moura encerrou por falta de alunos. Mas já iam para a escola de carro, vinham buscá-los. Já é diferente. Chegam a casa agarram-se à Playstation antes de começar a estudar.

Percurso profissional *Uma vida na floresta*

Saí da escola aos 11 anos, andei a guardar o gado até aos 16 anos e aos 16 anos fui para os serviços florestais. Em Junho de 1973. Aonde ainda hoje continuo. Em 1986/87, entrei para o quadro. Em 1979 já andava na tropa a cumprir o serviço militar quando assinei a papelada de entrar para o quadro, fui classificado como a profissão de motosserrista, que é trabalhar com máquinas, com motosserras.



Arménio Lopes Costa, na tropa

Na floresta trabalhávamos com um martelo a fazer fogo. Onde carregávamos para rebentar com a peneda para as máquinas conseguirem levar a peneda. Comecei a ganhar 50 escudos por dia. O meu trabalho era fazer fogo e trabalhar na floresta em desbastes de pinhal, cortar mato, arranjar estradas, tapar os buracos. Os serviços florestais é que conservavam todas estas zonas. Havia muito pessoal a trabalhar mas hoje unicamente trabalho eu nesta zona, na floresta.

A minha zona era aqui o perímetro florestal das Necessidades mas, mais tarde, andei a cortar pinhal no mato na península de Setúbal e para vários lados. Andei na Albergaria-a-Velha, Águeda, na Figueira da Foz também a cortar, a limpar lá uma mata. Tudo em matas do Estado. Éramos deslocados porque ia

passar a vistoria e andavam lá empreiteiros que não conseguiam ter tudo pronto e depois a Direcção-Geral das Florestas mandava-nos ir para lá. Contactava a administração aqui em Arganil e iam colegas aqui de Arganil, iam da Lousã, vários lados. Íamos à segunda de manhã e vínhamos à sexta à tarde. Dormíamos lá num centro do Estado. E o último ano dormimos já em pensão. Era cansativo, íamos numas carrinhas 4x4, chegávamos lá todos partidos. Quando a gente saía dos carros quase que nem conseguia andar.

Agora a maior parte das vezes ando sozinho. Limpo em volta da Casa do Pião e noutra localidade que é Vale de Maceira. Há lá outra casa florestal onde tem uns jardins e tudo.

Agora puseram-nos na mobilidade especial a partir de Janeiro. Estou em casa até me darem a reforma.

Sou Presidente da Junta de Freguesia da Moura da Serra, há três mandatos. Vou no terceiro mandato mas no total estou com quase com 20 anos de Junta. Dois mandatos que são de quatro anos, dois mandatos de secretário, e três como presidente da Junta. Dá muito trabalho, chatices, arrelias, para ter as coisas em dia. O que mais preocupa é, no Verão, nas festas das freguesias. São quase todas na mesma altura e as ruas têm que estar todas limpas. É muito complicado.

A sede da freguesia é Moura, depois tem a Mourísia, Parrozelos, Relva Velha, Valado e Casarias. Mas nestas terras a população está cada vez mais a diminuir. Há aldeias quase sem ninguém. A juventude não há maneira de a segurar. Não há trabalho. Só unicamente no Verão vemos as aldeias com muito pessoal.

Lugar *Mourísia*

O nome Mourísia talvez viesse dos Mouros ou do tempo dos Mouros.

Lembro-me da Mourísia antigamente, não havia tanta casa nova, os telhados eram cobertos com lajes. Ainda há algumas. Quase toda a gente tinha animais, iam guardar os animais aos domingos e durante a semana. Ao outro dia levantavam-se cedo, iam ao mato para os animais. Era sempre a lida.

Nossa Senhora da Conceição

O santo padroeiro da Mourísia é a Nossa Senhora da Assunção. Faz-se uma festa. Antigamente lembro-me de ser em Agosto. Só ouvia falar que quando ainda estávamos na freguesia de Pomares, ser no dia de Santa Cruz. Eram as festas normais, pronto, um pequeno conjunto e bailes. Eu não gosto de dançar mas havia grandes bailes. Quando começaram a vir ranchos folclóricos, o largo

enchia-se, o que não acontece agora com o ajuntamento das festas em quase toda a freguesia e à volta. Há anos eram mais distanciadas umas das outras. Agora é tudo junto, os emigrantes vêm de férias quase o mês de Agosto, e juntam as festas todas aqui à roda.

É raro haver procissão. Agora a festa é muito mais fraca, menos pessoal. Há baile, só que eu tenho pouco vagar para dançar, nunca aprendi em condições.

"Só quando havia luar é que a gente via"



Arménio Lopes Costa, na tropa

Foi no ano que eu saí da tropa, em 1980, que a luz veio. Era uma aldeia muito escura, só quando havia luar é que a gente via para andar de noite. Se a gente saía à rua, até quando, às vezes, o meu pai me mandava:

- "Olha, vai buscar uma garrafa de vinho."

Eu tinha medo, não ia lá. O vinho estava na loja. Só com uma pilha para a gente sair à rua porque naquela altura era uma escuridão autêntica. Mesmo em casa, era os candeeiros a petróleo. Aquilo largava fumo, ao outro dia o nariz era só fumo que saía.

À noite tinha que levar uma lanterna. Senão estava sujeito a tropeçar e a cair logo.

A vida sem água

A água tinha que se ir à fonte buscar nos cântaros de barro. Quando me começa a lembrar, ainda não havia cântaros daqueles de plástico, era em cântaros de barro. Às vezes, lá ficavam partidos os cântaros, se batiam em algum lado.

Para regar os campos há as poças, há água de regadio. Naquele altura até havia mais água que agora. Sempre de corrente. Tinham, ainda hoje têm, o seu dia estipulado. Está dividido. Agora rega-se de dia. Ora, quando eu ainda me lembra, às vezes, até ia com o meu pai para o meio do milho, punha-me lá a dormir e ele lá andava a regar até às tantas da noite. As terras aqui na Mourísia, embora sejam pouco produtivas com pouca terra, estava tudo cultivado. Não havia nada de relva como agora há.

A saúde

Que eu me lembre nunca houve médico na Mourísia. Embora ouvisse dizer que chegou a vir o médico à terra. Ainda hoje existe na Casa do Povo umas tesouras e mais umas coisas que estavam no posto médico. Portanto quando alguém estava doente, deslocavam-se a Côja, ao médico, ou ao Centro de Saúde a Arganil.

Ainda me lembro dos barbeiros. Ainda cá chegou a vir à minha mãe quando estava doente. Havia um barbeiro, na Benfeita, acho que era José Augusto. Receitava medicamentos e tudo. Se partisse uma perna também havia os endireitas. Que lá davam um "torcegão" às pessoas e ia ao lugar. Atavam uma ligadura. Lembro ainda de umas rezas que os mais velhos faziam para pés torcidos. Faziam, às vezes, até quando as cabras não comiam, também lá faziam as rezas mas agora acho que já cá quase ninguém percebe.

Havia aí uma senhora que fazia com um púcaro. Lembro-me de uma vez, ainda o meu pai era vivo, tinha nascido uns cabritos e depois eles não mamavam e essa pessoa lá fez a reza e ao outro dia já mamavam.

Para ajudar as mulheres a terem filhos havia sempre uma pessoa que servia de parteira e ia fazer o serviço que hoje fazem nas maternidades. Lembro-me, por exemplo, que a minha mãe ajudou várias, a minha sobrinha nasceu na Mourísia e lembra-se, já eu estava na cama quando ela "aparteirou" a minha sobrinha. Foi de repente, já não teve tempo de ir para a maternidade e nasceu em casa. Já tinha tido um mais velho. A minha mãe ajudou e correu tudo bem.

A mala e o marco do correio

Quando me começa de lembrar dos correios estes eram feitos a pé. Pronto, iam buscar a mala ao Sobral Magro, davam a volta e depois tornavam lá ir levá-lo. Na altura ainda não se distribuía pelas portas. Era na taberna que ficavam lá as cartas e depois iam buscá-las ou pagavam um "x" ao taberneiro e ele vinha entregar as cartas. Hoje ainda existe o marco. Faz de conta que era o marco do correio.

Festas do Natal e da Páscoa

No dia de Natal, na Mourísia, não me lembro, que se fizesse a fogueira. Era mais um dia especial, que se comprava um bolo-rei, uns figos e era batata com bacalhau e couves.

Já havia prendas. Não era como agora mas sempre vinha uma camisa nova ou uma camisola.

Na Páscoa, isso era andar atrás uns dos outros às amêndoas, eram doces. Naquela altura comia aquilo como o milho quase, tinha bons dentes.

Já havia, por exemplo, aquela tradição do foliar. Nessa altura, quando eu me começo a lembrar, ao padre davam era ovos, queijos. A gente ia, os miúdos, tocar a campainha atrás deles. O padre já tinha carro, levava os folares todos lá. Mas era difícil.

Os padrinhos também davam qualquer coisa aos afilhados. Às vezes, uma camisa, ou uma camisola, ou umas meias, ou um pacote de amêndoas. Era assim.

Hoje a Páscoa já não é tão bonita porque agora o padre até já nem vem pelas aldeias. Eu além de ser Presidente da Junta ainda tenho que ajudar o padre a ir dar as Boas Festas. Sou eu mais outro e vamos de casa em casa dar as Boas Festas, levar a cruz a beijar e ler a passagem de Cristo.

A freguesia de Moura da Serra nasceu em 1963

O Monsenhor António Pereira de Almeida era padre. Foi importante na criação da freguesia. Eu por acaso ainda cheguei a conhecer esse homem na construção lá da torre da igreja e como Presidente da Junta até lhe pus o nome numa rua na Moura da Serra.

A freguesia da Moura da Serra foi criada em 1963.

A lutar contra os incêndios

Lembro-me logo do primeiro incêndio. Acho que foi em 1978. Eu estava descansado em cima da cama quando o guarda-florestal passou a tocar a corneta e a gente tínhamos que ir. Foram vários incêndios.

Aos domingos eu nunca me podia ausentar porque os serviços florestais tinham muita intervenção nos incêndios. Portanto na altura não havia tantos bombeiros como agora há. Mesmo agora deste últimos incêndios como eu tinha conhecimento dos caminhos e tudo andava sempre à frente dos bombeiros a ensinar. Além disso também fiz muita vez nos postos de vigias. Quando faltava o pessoal contratado, que, às vezes, chateavam-se e se iam embora, o engenheiro lá me chamava a Arganil:

- "Ó Arménio, tens que ir para tal lado para vigia."

E dei apoio há uns anos aos militares que vêm para a Selada das Eiras que estão lá três meses e eu tenho que andar com o carro, de noite ou de dia desde que haja incêndios.

Depois veio outro incêndio acho que há coisa de uns 20 anos, que veio do Piódão. Fiquei lá toda a noite. Depois já não vim para casa. O fogo andava fraco, só ao outro dia. A minha mãe já gritava, não sabiam de mim. Ao outro dia venho direito à casa florestal, depois desci pela encosta abaixo a ver se tinham ardido as ovelhas.

Mas este último foi o pior. Quase que nem se deu por ele. Eu andava a trabalhar em Vale de Maceira, andava na linha da frente do fogo a ajudar os bombeiros no que fosse preciso, quando a minha mulher me telefonou:

- "Olha que o fogo já passou para o lado do Sobral Gordo."

E vim-me embora. Quando cheguei aqui isto foi sempre a andar. E não foi pior porque o vento deu e não chegou à ribeira, apagou-se por ele. Mas sempre com a minha preocupação estar à frente da Junta a ver se vinham máquinas e a telefonar para Coimbra lá para o centro para mandarem vir os helicópteros. Os helicópteros estavam a deitar água onde não deviam. Outras vezes vinham e não descarregavam, que devia haver avaria. Era a minha preocupação sempre.

A Mourísia é uma aldeia branca

Gostava que a Mourísia tivesse mais população. Porque havendo população sempre iam cortando as silvas e à volta. Porque assim é um deserto. Cada vez há mais vegetação e ninguém corta uma silva, forma-se o mato à volta da aldeia e é

complicado para os incêndios. Embora a lei diga que para estar tudo mondado em volta da população mas as pessoas não aderem. Uns por serem velhotes, outros por não poderem.

A Mourísia tem mais uma coisa especial que é um castanheiro. Para mim, é igual aos outros mas um rapaz, levou isto para a frente porque achou o castanheiro interessante. Além disso já veio cá um senhor também de Braga tirar fotografia ao castanheiro e tudo. E foi atribuído, pelo ministério, como um castanheiro de utilidade pública. Embora o dono do castanheiro não gostasse muito. Agora não o pode cortar, embora apanhe as castanhas. É um castanheiro importante. E muita pessoa já lá foi ver. Até um colega meu que trabalha nos serviços florestais me disse, aqui a passar tantas vezes por cima e não sabia que havia aqui um castanheiro tão importante. Vêm cá pessoas passear para ver o castanheiro. E ficam todos contentes de ver aquilo. Acham um castanheiro diferente dos outros, pronto. Não sei se é de estar oco por dentro. Só tem a parte de fora, o casco e mesmo assim continua a dar castanhas. E castanha boa porque o castanheiro é incerto e aquilo é boa castanha.

Aos turistas dizia que a Mourísia tinha uma paisagem que era bonita. Eu quando ando ao pé da casa florestal, muita gente pára, a tirar fotografias, porque é considerada até uma aldeia branca. Portanto, é bom que todas as pessoas não andassem a pintar de outra cor. Pintassem toda a aldeia de branco porque vista do lado da casa florestal, do Pião, a aldeia em si parece bonita. Eu para mim acho que a minha povoação, a minha aldeia que é a mais bonita porque fui lá criado.

Costumes *Costumes da aldeia*

Moinhos e fornos comunitários

Plantava-se milho para fazer o pão, e moía-se no moinho. Agora não estão a funcionar mas ainda existe o rodízio, a pedra, tudo. Na altura era rodízio em madeira mas hoje tem em ferro. Eram moinhos comunitários. Portanto, cada um tinha lá a sua parte. Tinham a sua parte, umas "x" horas para moer, porque havia muita população.

Com os fornos era igual. Ainda há pouco tempo coziam e estavam sempre cheios.

O queijo

Com o leite fazíamos o queijo. Naquele tempo tinha à volta de umas 20 cabeças, entre cabras e ovelhas. Chegámos a fazer aos dois queijos por dia. Fazer o queijo e depois lavá-los e pô-los na queijeira. Não vendíamos, era para consumo de casa. Pronto, para dar à família.

A matança do porco

O dia da Matança do porco era um dia bom, porque havia torresmos com fatura. Pronto, acho que havia logo um prato melhorado de manhã com alguma coisa, a garrafa de aguardente vinha para os matadores e quem ia segurar o porco. Depois agarravam o porco. No fim de estar a sangrar iam cozer o sangue.

Era um dia de festa. Esse dia era comer e depois iam apartar as chouriças, iam lavá-las, para depois fazer o enchido. Faziam enchidos de carne, morcela, de sangue e de farinha. Chouriça é a carne migada, depois temperada, atadas as chouriças é pô-las a secar. Secavam cerca de 15 dias antes de as podermos comer.

Para conservar a carne, o lombo era posto em panelas e mesmo o enchido também era posto em panelas, em azeite, e a carne numas salgadeiras. Os presuntos enterrados no sal.

Sonhos *Uma 4x4 e a lotaria*

O meu sonho sempre foi comprar um carro, uma 4x4, para quando havia neve. Este ano foi preciso várias vezes para os meus filhos não ficarem sem ir à escola.

E outro sonho era, como eu gosto de jogar na lotaria, era sair a sorte grande.

Avaliação *Recordação que fica*

Acho bem este trabalho, é uma recordação que a gente fica e quem venha atrás de nós tem a recordação de como era. Porque o que agora estão a fazer é como os nossos antepassados descobriram, como o Vasco da Gama, quando descobriu o caminho marítimo para a Índia, se não ficasse escrito em livros, não sabíamos, nem podíamos ter estudado e essas coisas.



Arménio Lopes Costa (com 22 anos)